

Cão raivoso

Wojciech Tochman

Tradução de Márcia Kowalczyk¹

Apresentação de Piotr Kilanowski²

Universidade Federal do Paraná

Apresentação

Wojciech Tochman (1969-) é um dos mais conhecidos jornalistas literários poloneses. Desde essa tradução (que surgiu como efeito de um curso dedicado à tradução literária, ministrado por mim em 2012) teve duas das suas obras publicadas no Brasil, traduzidas por Eneida Favre (que também participou desse curso): *Como se você comesse uma pedra* (Âyiné, 2019) e *Hoje vamos desenhar a morte* (Âyiné, 2019). A obra de Tochman é marcada por um humanismo profundo. Um dos seus temas centrais são genocídios contemporâneos e traumas individuais e coletivos causados por eles. Os dois livros traduzidos relatam a situação pós genocídio em Bósnia e Rwanda, respectivamente. Um outro campo do interesse do autor que aparece em algumas de suas obras e no texto traduzido aqui é a relação entre o ser humano, a divindade e as instituições religiosas.

Cão raivoso

Hoje, meus caros irmãos e irmãs, comemoramos o dia mundial do doente. O dia foi instituído pelo nosso amado João Paulo II no septuagésimo quinto aniversário das revelações de Fátima e no décimo primeiro aniversário do atentado contra a sua vida. O nosso grande Papa polonês, que sabia o que é a dor.

¹ Licenciada pelo Curso de Letras Polônês da UFPR. E-mail: kowalczykm@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0002-4979-656X>.

² Professor de literatura polonesa e de tradução literária da UFPR, tradutor de poesia, fundador e coordenador do Centro de Estudos Poloneses (CEPOL) da UFPR. E-mail: emaildopiotr@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0003-0803-4291>.

Hoje pensamos no ser humano que sofre. Talvez vocês tenham alguém próximo que está gravemente doente, alguém que não pode estar aqui conosco hoje. Mas os seus pensamentos estão perto dele. Talvez haja alguma pergunta ou remorso: será que eu estou presente perto da pessoa querida que sofre tanto quanto ela precisa? Todos os dias? Será que eu a ajudo? Apoio-a? Faço-a companhia? Ou talvez eu esqueço dela? Eu a evito? Talvez as feridas dela, as ulcerações, os tumores sejam muito nojentos? Talvez cheirem muito mal? Talvez o nosso doente feda pus? Vômito? Urina? Fezes? Ou simplesmente a velhice? O sofrimento dele é para mim muito difícil de suportar? Eu viro as costas?

Minha homilia de hoje, certamente será para muitos, insuportável. E, com certeza, não é para crianças. Esta é uma homilia somente para adultos. Peço, por favor, que as crianças agora se retirem. Os meus alunos, também. Qualquer coisa que ouvirem falar de mim depois, tentem em silêncio fazer uma oração por mim. Mas agora saiam.

Estar diante de vocês hoje é muito penoso para mim. Vocês me conhecem como um padre aberto, sorridente e moderno. Não ando de nariz empinado. Não crio nenhum tipo de barreiras em volta de mim. Não uso batina nem colarinho quando não é necessário. Sinto-me bem usando jeans, camiseta e boné. Ando de bicicleta, dancei com vocês em vários casamentos. Junto com vocês eu organizo ajuda aos necessitados. Procuo servir ao próximo assim como posso. Pois assim eu vejo o papel do sacerdote: viver com as pessoas e para elas. Eu sei que está tudo bem entre nós.

Exceto uma coisa.

E por isso é tão pesado para mim olhar nos olhos de vocês hoje.

Mas o que é esse peso perante o peso da hóstia! Eu tenho que carregá-la junto com aquelas imagens. Elas voltam para mim como um filme, passam diante dos meus olhos. Vejo-as especialmente quando pego o corpo de Cristo nas mãos, quando o elevo, quando falo: tomai e comei. A hóstia torna-se cada vez mais pesada e as imagens não querem ir embora. Pelo contrário, ficam mais fortes, eu as vejo: torsos suados, os bíceps, barrigas saradas, coxas fortes, mas eu sigo falando: este é o meu corpo, que será entregue por vós.

Eu quero falar para vocês a verdade e só a verdade: eu errei. Mas eu não sou um gay que acredita que é necessário organizar todas essas paradas, carregar bandeiras de arco-íris, permitir dois homens a se casarem e adotarem crianças. Não concordo com isso. Eu concordo com estes que afirmam que a luta contra a assim chamada discriminação das minorias sexuais é uma promoção do homossexualismo, oculta, porém insistente. Promo-

ção de um desvio. É uma ardilosa contestação dos valores, dos quais a nossa civilização brota. E esta brota do cristianismo e da lei natural. A natureza nos ensina claramente que somente a relação entre uma mulher e um homem faz sentido. O homossexualismo é um equívoco da natureza, uma anormalidade, talvez uma falha na evolução. Embora não se tenha encontrado o gene responsável pela homossexualidade.

Esta verdade dói naqueles que falam de homofobia.

E dói em mim também. E eu sou um desviado.

Alguns dizem que do homossexualismo até a pedofilia, a estrada não é longa. Eu não acho. Não olho para os menininhos. Os menininhos não me interessam.

Eu gosto de homens maduros, morenos, altos, fortes. Por eles eu procuro, deles eu preciso.

E esta é uma pequena parte da verdade, para começar.

Entendo que para alguns é chocante.

O sacerdote falando do altar sobre torsos, bíceps, coxas.

E por que não há de falar?

Eles não existem? Eles não estão por aqui?

Estão! Inclusive aqui, caros irmãos e irmãs, no santuário, diante do tabernáculo. Olhem uns para os outros e para os quadros aqui nas paredes. Nenhuma veste fará com que duvidemos daquilo que criou nosso Deus Pai.

E estes murmúrios que ouço, será que não são piadinhas? São recriminações? Maldições? Por que estão cochichando? Porque confiaram a mim as suas culpas? As suas vergonhosas fraquezas, traições, canalhices, depravações, roubalheiras? Não, eu não falarei delas a ninguém. Não só porque o segredo da confissão protege vocês. Vocês não têm motivos para temer. Nem pelo que está aqui, nem pelo que está lá – no Reino dos Céus. Se vocês estão honestamente arrependidos pelos pecados, se vocês querem reparar, Deus perdoa tudo. Deus é bom, é misericordioso.

Desde que me lembro, sempre estive na igreja. Não no quintal, na quadra, na piscina, não. Somente na escola e na igreja. Eu gostava do cheiro do incenso e do cheiro da água de colônia que os padres novos usavam. Meu pai não usava nenhum tipo de perfume, tomava banho com pouca frequência e poucas vezes dirigia sua atenção para mim. Não bebia, não batia, não tocava. Trabalhava e dava mesada para mim. Minha mãe também trabalhava, mas do outro lado do oceano. Ela viajou quando eu tinha cinco anos, acabou o visto dela, ela ficou lá ilegalmente e continua lá até hoje. Não a vejo há 28 anos. Ela não pode sair de lá porque não vão lhe deixar entrar de novo. Eu não

consigo o visto para poder ir visitá-la. Aliás, eu não sei se quero. Às vezes ela liga e fala para mim: *I love you*. E pede para que eu lhe envie fotos atuais. Eu envio. Então ela liga chorando, que sou *stili beautiful*.

A primeira vez que eu senti que desejava estar junto de um homem, eu tinha doze, talvez treze anos. Eu entendi quem eu era quando tinha dezesseis. Fiquei amedrontado, mas não tinha com quem falar sobre isso.

Com meu pai? Ele tinha uma nova esposa, novos filhos. Aliás, quem falaria sobre isso com o pai? Para que me matasse?

Com minha mãe? Do outro lado do oceano?

Com a professora? Neste país?

Com o colega? Pior ainda.

Com meu padre favorito? Era alto, magro, tinha cabelos loiros, com corte de soldado, falava devagar, com voz grave. E quando me cumprimentava, apertava forte a minha mão. Tocava violão, no verão andava conosco pelas montanhas, organizava ajuda para algumas vítimas do incêndio e eu o ajudava nisso. Eu não podia decepcioná-lo. Falei para ele que sinceramente amo Cristo e quero ir para o seminário. Ficou tão feliz que até me apertou contra o peito. Fiquei duro como uma tábua, como se eu tivesse medo de sentir o seu calor. Eu me lembro daquele momento até hoje.

A respiração dele.

Afastou a sua cabeça da minha, passou os dedos acima dos meus lábios, delicadamente, devagar e falou: mais um ano e teremos um verdadeiro homem.

Depois disso me pegou pelos ombros, me virou de costas para ele, bateu delicadamente nelas e deu uma risada: vai, corra para seu pai porque já está tarde!

Se eu tivesse ido fazer psicoterapia com a terapeuta, talvez em dois anos chegaríamos a conclusões que não trazem alívio, mas são importantes: eu ainda não era um homem. Eu o seria somente daqui um ano. Ainda não era atraente, não era um homem.

Afastou-me de perto dele.

Para um rapaz, um ano é uma eternidade.

Depois de um ano, ele já não estava mais em nossa paróquia. Foi para a África trabalhar com os doentes de AIDS.

Eu estava totalmente sozinho com meu desejo do toque masculino.

Mas eu não lembro da minha primeira relação sexual. Isso quer dizer que não sei qual foi o primeiro. Acho que quando já estava no seminário.

Não sei se eu sentia a vocação. Não sei o que é vocação. Que Deus se aproxima de uma pessoa jovem e fala para ela: siga-me? Parece que alguns escutam a voz Dele. Eu

não ouvi voz nenhuma, mas estava certo que assim é para ser o meu caminho. Por isso deste modo, desejei servir a Jesus. Desejei estar o mais perto Dele.

Na Sagrada Escritura é possível encontrar centenas de citações que falarão diretamente, como se deve amar a Jesus.

Eu O amo, como amo a minha mãe e o meu pai.

Eu sei que Ele está sempre perto de mim e não deixa que me façam mal.

Sei que ele cuida de mim, como cada pai deveria cuidar de seu filho.

Eu sou o filho de Jesus.

Mas, assim como nem sempre eu obedecia a minha mãe e ao meu pai, também nem sempre eu faço o que agrada a Jesus.

Às vezes eu penso que nós concebemos uma imagem desumana do Criador. Distante da vida, do ser humano. Felizmente, nos últimos anos, começamos a acreditar Nele de um jeito diferente. Acreditamos em um Deus misericordioso. Aquele que perdoa.

Isso me dá alegria, não porque eu posso agora pecar sem medo na esperança de que Deus Pai mesmo assim vai me perdoar por tudo. Pelo contrário, estou feliz que no seu mistério Ele se torna mais paternal ou maternal. Afetuoso, próximo, amoroso.

No seminário ninguém fala assim de Deus.

No seminário os preceptores formam a personalidade dos futuros sacerdotes. É assim que se fala. Mas é o oposto – eles deformam a personalidade dos jovens. Ensinam a renúncia ao prazer. Para isso, fazem referência a Jesus, que disse que quem quer segui-lo deve negar a si mesmo. Mas, será que isso significa que é preciso livrar-se de si mesmo. Negar? Nunca ninguém me deu uma resposta sensata. Por que esclarecer tais coisas para um clérigo?

Toda noite, depois das dez horas, os padres preceptores entravam nos quartos dos clérigos sem bater na porta e nos mandavam apagar a luz. Naninha, rezinha e dormir, é claro que com as mãos sobre a colcha. Eu tinha 21 anos e alguém me dizia quando tenho que fechar os olhos, quando tenho que abrir. Quando levantar, fazer a barba, lavar-se, comer, beber (e o que), quando estudar, sair para a cidade (e como – somente de preto ou azul-marinho!), quando tenho que fechar o bico e não abrir mais até o final do dia. *Silentium sacrum* – sempre depois das 21 horas é tempo de recolhimento. No seminário não há criatividade, pensamento criativo, desenvolvimento. Nenhuma conversa sobre isso que, entre os fiéis, desperta controvérsia: aborto, eutanásia, homossexualismo, clonagem. De jeito nenhum! Não é permitido ter celulares, o computador é proibido. É um treino de adaptação. De fingimento. O fingimento é para ser a segunda natureza do sacerdote. Você tem que ser como o resto dos padres. Ser como os fiéis querem nos ver.

Uma vez, ao invés de visitar meu pai, fui a Berlim. Antes disso, procurei os endereços de certos clubes. Isso foi uma descoberta, foi um universo, tantos corpos masculinos completamente nus. Eu era um rapaz bonito, *still beautiful, immer noch schön*, então fiz sucesso. Talvez eu deva chamar as coisas pelo nome: eu tinha uma ótima pegada!

E voltei para o seminário, onde havia frieza, frio, rejeição.

Por quê? Será que na nossa Igreja falta amor ao próximo?

Um jovem, preso num rígido sistema de regras, vai do seminário para a paróquia e vê que tudo o que lhe foi ensinado está longe da vida real. Que *silentium sacrum*?

Computador, interia.pl, chat, gay. Mil gays online.

Como você é?

Quantos anos você tem?

24/188/80/19.

Muito bom. Eu 26/180/78/17, moreno, peludo. E você?

Eu lisinho, só nas pernas um pouquinho. Do que você gosta?

De várias coisas. Você é passivo ou ativo?

Gosta no real ou bate uma punheta? Me dê uma foto e o telefone.

O jovem padre está excitado, mas também apreensivo.

Rapidamente sai do bate-papo, foge do pedido do interlocutor virtual. Porque está envergonhado.

Meus colegas também gostam de conversas online: interia.pl, chat, encontros.

Querida, você raspou a perereca?

Claro, mas deixei um bigodinho.

Maravilhoso! E já está molhadinha?

Claro, esperando por você, gato.

Então ligue a câmera e dê uma lambida no dedinho.

Agora não posso, porque meu marido está por perto.

Ah, isso não é bom. Minha esposa tá no trabalho. Então tô livre.

Gatinho malvado! Já está brincando com a sua arma?

Mas existem alguns padres que não tem computador no quarto e apenas rezam. Estes são a maioria, caríssimos irmãos e irmãs, sem dúvida.

No início um jovem padre tem medo de sair de casa à noite. Está impressa em sua cabeça a imagem de Deus que recompensa pelo bem e castiga pelo mal. E o mal é uma latinha de cerveja. E Deus a vê. Minha avó sempre repetia: seja bonzinho, porque Deus está vendo você.

Grande Irmão, voyeur, policial, inspetor, juiz.

Esta imagem de Deus é catastrófica para o desenvolvimento do ser humano, da sua liberdade. A liberdade, aliás – isso também tiramos do seminário – é algo suspeito.

Eu acreditava que o sacerdócio vai me proteger do meu homossexualismo.

Mas me enganei, meus irmãos e irmãs.

Se é que ainda posso me dirigir assim a vocês.

Interia.pl, chat, gay. Mil e cem gays online.

Vou esperar no posto de gasolina daqui meia hora.

Ótimo. Vai estar de banho tomado ou vamos tomar banho juntos?

Eu gosto de brincar no chuveiro.

Ok, eu faço isso pra você no chuveiro. Estou esperando num Saab preto.

Ok, já estou saindo.

Muitos padres acreditavam que o sacerdócio irá protegê-los dos desejos. Muitos se equivocaram.

Basta observar os confessorários. Nós, padres homossexuais, demoramos mais confessando os homens.

Aquilo que dizem as mulheres não é tão interessante. A não ser que falem sobre seus sonhos eróticos com maridos em primeiro plano. Perguntou Santo Agostinho: “Será que a Tua mão, Deus Todo-poderoso, não é suficientemente forte para curar todas as fraquezas da minha alma? Para com o dom da graça abundante apagar minhas inclinações sensuais também nos meus sonhos?” Nenhum sonho – meus amados – nem o mais vergonhoso, pode ser pecado. Sonhos estão além da nossa vontade, sempre inocentes. Deus não vai responsabilizar ninguém por eles. Não vai lembrar destes sonhos, assim como nós também não. Não confessem seus sonhos, porque é uma perda de tempo. Com isso, vocês só despertam as fantasias sexuais nos confessores, inclusive naqueles heterossexuais.

Na televisão falaram sobre o bispo que molestava clérigos, mas é na televisão, em algum lugar distante. Talvez exageraram, como todos os jornalistas.

Melhor não ficar se perguntando, se também perto de nós existe um padre homossexual.

Existe!

Interia.pl, chat, gay, mil e duzentos gays online.

29/178/76/20, moreno. Estou esperando na frente do banco PKO.

A curiosidade cresce, há excitação, medo. Há sexo.

E depois, vem o vazio. A tristeza.

Vocês dizem: chega? Por que entrar tão profundamente no assunto? Isso iria servir para quê?

Para a verdade!

Vocês preferem zombar dos viados, rir deles. Eu mesmo às vezes ria para que ninguém pensasse que eu também sou um.

Frequentemente eu sonho com um cachorro, ele é agressivo, escorre espuma da boca, rosna. Mas ele não me morde. Atacará-me quando eu der um passo. Então, eu fico sem me mexer, sem respirar. Finjo que não estou, que não existo. Não engulo saliva. E o cachorro olha para mim. E espera.

Hoje comemoramos o dia mundial do doente. Estamos falando sobre o sofrimento, sobre a partida para a casa do Pai. Vocês sabem que morrerão? Eu tenho 33 anos e sei: vou morrer. Mas eu compreendi isso muito recentemente. Porque quando concluí o ensino médio, eu não sabia disso. Quando concluí os estudos no seminário, – não sabia. Celebrei a eucaristia pela primeira vez e pela centésima – não sabia. Embora Cristo tenha morrido na cruz e por mim, apesar de acreditar profundamente nisso – eu não sabia. A morte, que é um elemento da vida, na minha vida não existia.

O jovem, até mesmo a criança, percebe que cada vida tem um fim. Mas a dele – não. A morte diz respeito aos outros, a alguns doentes, velhos. Mas a ele – não. Ele viverá neste mundo eternamente.

Os mais velhos que estão entre nós, sabem que isso não é soberba. A consciência da morte iminente vem numa idade diferente. Enquanto o homem é saudável, enquanto vivem todos aqueles a quem ele ama – não há essa consciência. E é bom. Isto nos permite amadurecer, estudar, trabalhar, ter filhos, superar as dificuldades e alegrar-se com o que está ao redor.

A consciência da morte em nós, cristãos, não deveria despertar nenhum temor. A morte é apenas a passagem por um portão, depois do qual aguarda um alegre encontro com Deus Pai. Alegre, porque acreditamos que o Senhor, misericordioso, vai perdoar todas as nossas culpas.

Então, por que a morte desperta em nós o medo?

Eu tenho 33 anos e só agora percebi que vou morrer. Não olhem assim, ainda não estou morrendo. Talvez eu viva até a velhice, embora duvide. Eu queria servir a Deus o maior tempo possível, como sacerdote. E a vocês, caros irmãos e irmãs. Mas depois disso que lhes contei, já não posso. Especialmente porque preciso contar-lhes mais. Que silêncio, nenhuma tosse, nenhum murmúrio. E a igreja cheia. Jesus, tende piedade de mim.

Deus me envia uma tarefa, uma prova, um exame difícil. Estou infectado pelo vírus HIV.

Quando uma pessoa recebe um resultado positivo do teste - tudo para. Não há nenhum amanhã, nenhum daqui a uma semana, a vida para, é o fim. Mas os pensamentos enlouquecem: que fim? quando? onde? Quem devo alertar sobre este fim? A quem falar sobre ISTO? Quem saberá DISSO? ISTO está em mim, se reproduz como vermes, se multiplica, devora por dentro.

A gente toma uma ducha. A água escorre com bastante pressão, queima a pele, mas não lava ISTO. Na cabeça o medo se mistura com a pena, depois com a fúria tira o juízo: certamente as vitaminas que consumo todas os dias no café da manhã, falsificaram os resultados do teste. Vitaminas podem alterar os resultados, isso é óbvio. É preciso repetir o teste!

Mas para quê?

Os restos de consciência tiram a esperança: o teste, antes que o infectado receba o resultado, é repetido pelo menos duas vezes. De duas amostras de sangue. Não há chance de erros, não há chance para nada. A calma irrevogavelmente é coisa do passado. O sorriso também. Em breve virá um sorriso cuidadosamente treinado para que ninguém descubra, enquanto o corpo não apresenta os sintomas. Aparece uma tensão, aninha-se em algum lugar atrás do esterno e de lá irá chacoalhar o corpo todo. Ou espetar delicadamente. Ou tirar a saliva da garganta. Ou apenas deixar as pernas bambas. Então, será preciso sentar em algum banco no parque, limpar o suor da testa e aguardar até que passe. Não passará. A tensão torna-se o futuro, será um “*non-stop*” até o fim. Mas no primeiro dia a gente não pensa sobre isso. A gente quer adormecer imediatamente, pelos séculos dos séculos.

E Ele me obriga a viver!

Porque já não se morre DISTO. Agora se vive com ISTO. Vinte anos, quarenta, até a velhice, quando tudo vai bem. Existem comprimidos cada vez mais modernos, mais eficientes. Hoje os médicos dizem que a infecção é uma doença crônica. Como muitas outras. Se você não se trata: morre. Se você se trata – vive. Mas vocês sabem melhor do que eu. Na mente de vocês, já estão me colocando no caixão, já estão me enterrando. Pás, terra. Invadem a cabeça de vocês os estereótipos, os esquemas prontos, as matrizes, já ocupam posições pré-determinadas, já se constituem argumentos prontos para avaliar, julgar, condenar.

Viado – sabe-se – é AIDS. Mereceu – então tem.

Castigo divino!

De Jesus? Que amo como a minha mãe e ao meu pai? O que cuida de mim?

Vocês sabem a resposta!

Não é preciso ter pena dele! Mas apontar com o dedo – por que não? Cuspir na cara – com muito prazer. Fechar a porta na cara dele – não poderia ser diferente. Porque o HIV em nosso país é um estigma, a letra escarlate invisível, é a prova da vida desregrada, a prova do mal. Porque é uma doença que se pega pelo sexo. E o sexo é algo suspeito.

E aquilo que é suspeito, melhor examinar com cuidado. O sexo dos outros é assunto meu. Vou avaliar, julgar e me enojar. Se você tem nojo então porque se importa tanto com o cu dos outros? “Como as pessoas examinam a vida dos outros meticulosamente – escreve santo Agostinho – e como são lentos em começar a reparar a sua própria”. Porque avaliar os outros, julgá-los é tão necessário pra você, criatura humana? O que seria a sua vida se você não julgasse os outros?

Vocês, bons católicos, olhando para uma pessoa estigmatizada, pensam sobre si mesmos: somos melhores que ele, arrumadinhos, morais, honestos, limpos. Nós, boas esposas, amáveis maridos, mães cuidadosas, pais – todos estamos prontos para a salvação. Senhor Jesus, leve-nos direto pro céu! Leve-nos por atacado!

E aquele é sujo, maculado, condenado. Precipite-o nos infernos!

Pode até ser assim. É preciso ficar do lado do bem.

É preciso me julgar.

Talvez de acordo com o código mais fácil: esse é branco, esse é preto, isso é bom, isso é ruim, isso é moral e isso é um pecado mortal! A maneira mais fácil seria esta: encontrar uma pedra no pátio da igreja e lá esperar por mim. Isso seria moral. E eu suportaria, porque mereci.

Mas não é a pedra nas mãos de vocês que eu temo. Envergonho-me porque choco vocês. E tenho medo disso. Vocês me ouvem e pensam: tudo aquilo que acreditávamos não tem nenhum sentido. A igreja não tem sentido e Deus não tem sentido. Mas na verdade não é assim. Até o pecador na Igreja, mesmo sendo padre, tem um grande sentido. E o meu sofrimento também.

Pergunto para Deus: por que Tu me chamaste?

Tu sabias que eu não vou aguentar, que vou viajar para Berlim, para Londres, Paris. Que vou fugir do vazio no qual Tu não estás, Senhor. Que lá, pelo dinheiro das intenções das missas, eu vou comprar a entrada para uma sauna de viados, uma vez, duas, cinquenta vezes, que excitado eu tirei a roupa no vestiário, que olharei para o elegante empresário de terno, o qual talvez deu uma passadinha por aqui entre o trabalho e a esposa que o espera com o almoço; que eu tomarei uma ducha rapidamente e lá olharei para o magro estudante com cabelos escandinavos e olhos azuis, que enrolado

na toalha eu correria entre as cabines. Porque a sauna não é apenas uma sauna. Lá tem corredores estreitos precariamente iluminados, labirintos, pequenas cabines fechadas, de dois metros por um e tem salas para sexo coletivo, umas mais claras e outras completamente escuras – *dark rooms*, onde se reúnem homens barrigudos, com mais de cinquenta anos, na esperança de que se encontre entre eles algum delicado corpinho de 20 anos que lhes dará aquilo com que, à luz do dia, eles já não podem mais contar. De todo canto dá para ouvir arquejos, gemidos, suspiros: hummm... aaai... uui, mais, já, mais forte, chega. Dá para sentir o cheiro de suor, de esperma e de bunda. Em todos os lugares está escorregadio. É preciso ter cuidado para não se matar. As cabines se abrem, os caras saem, molhados, relaxados, cada um vai pro seu lado, não precisam se conhecer mais. Agora vão os faxineiros com lanternas, botas de borracha e luvas de látex, limpam com um pano os colchões revestidos de couro sintético e a cabine está pronta para os próximos orgasmos abundantes. O reino do prazer, da perversão, da promiscuidade. Quase todos os bairros em cada metrópole europeia têm sua sauna gay, às vezes, perto dos pontudos templos góticos e ninguém se surpreende com isso, ninguém se incomoda, ninguém proíbe. Tudo legalmente, alguns euros na entrada mais impostos e tem o que quer. Acho que conheço todas elas.

Tu sabias, Senhor, que eu não vou dar conta; que me faltariam forças; que as saunas se tornariam minha obsessão, que viveria somente para estes momentos. Porque lá eu recebo isto que não recebo em nenhum outro lugar. E de mais ninguém.

Tu sabias! E sabes, Deus, que o tempo todo eu Te carrego no coração. Também lá, nos *dark rooms*, nas cabines com colchões de couro sintéticos. Lá, eu sofro ainda mais. Porque quando ele me preenche com seu pênis grande, negro e cheio de veias, quando preenche em mim aquilo que está vazio, quando está no fundo, quando mete em mim com a força de uma máquina elétrica, quando golpeia forte e sem piedade, quando já quase entra todo em mim, então eu penso: o que estou fazendo?! Eu sou o sacerdote de Jesus Cristo!

Não fujam!

Em Berlim, Paris e Londres, e talvez em Varsóvia, há também outros clubes: para mulheres e homens heterossexuais. Lá há corredores pouco iluminados, cabines e quartos para o sexo coletivo, a libertinagem coletiva, o pecado coletivo. Eu sei isto dos meus colegas que – como eu – só usam a batina quando é necessário.

Sei que a maioria dos padres não quebra os votos e vive no celibato. A maioria dos padres homossexuais também não. Nem todos entre eles e, provavelmente, nem todos os gays se sujam mutuamente nestes esgotos de Berlim e nas sarjetas de Paris. A maioria não faz isso. A maioria dos gays vive em relações permanentes. Eu sei, porque ando por todo

lugar. Alguns desses casais me recebem. Falo a eles que não é certo viverem juntos, que isso é contra a Sagrada Escritura, que deveriam se separar e viver em abstinência. Eles me convencem que são bons filhos, bons cidadãos, trabalhadores conscientes, vizinhos amigáveis e fiéis parceiros. A relação deles é cheia de amor.

Basta olhar os anúncios nos portais gays: muitos homens procuram um parceiro estável, procuram o amor. Assim como a maioria dos heterossexuais: mulheres e homens. Todos procuramos o amor. Nós – sacerdotes – também. Quando não o encontramos na Igreja, na nossa comunidade, entramos no reino do pecado do qual é difícil sair.

Eu sou um sacerdote de Jesus Cristo! Estou falando a verdade e somente a verdade.

Na sauna, um para mim não é suficiente. Eu mudo de cabine, mudo de parceiro, novamente algum desconhecido, moreno, negro ou norueguês, pelos próximos minutos ele estará tão perto de mim, que mais perto é impossível. E então Jesus, pendurado na cruz, sangrando por mim, está morrendo. E eu estou sendo usado por um macho, em algum puteiro fedorento! Será que o Diabo está em mim?

Ele toma conta de mim!

Se eu pudesse me livrar disso. Mas sou impotente. Estou triste, bravo, raivoso, porque não vivo assim como eu gostaria de viver. Tire-me daqui! Acabe com a minha agonia! A celebração da eucaristia é para mim um calvário. Não quero! Não vou!

Quando embarco no avião e estou voltando pra casa, penso que talvez dessa vez não pousaremos, que talvez isso acabe com um estrondo, num piscar de olhos. Mas não! Eu tenho que viver, tenho que sentir saudades disso que está na sauna. Eu odeio isso, mas já estou planejando para onde ir na próxima vez.

Suicídio? Resolveria todos os problemas. Jesus não falou nada sobre o suicídio e não condenou o suicídio em lugar nenhum. Talvez esta seja a saída? Mas saída para onde? Para Tu, Deus? Não! Tu queres me testar aqui, queres me expor a sucessivas provas, testar minhas forças.

O Satanás mora em mim. E eu tenho que dar conta dele?!

Eu me confesso, um colega é meu confessor. Sinceramente eu lamento isso que fiz e, sinceramente, quero melhorar. Mas logo depois, eu reservo pela internet uma passagem para Amsterdã ou para Colônia.

Eu deveria escolher viver em castidade ou sair da Igreja.

Como sair? Para quem? Com o quê?

Com a minha formação teológica?

Fora da Igreja, eu não sou ninguém.

E na Igreja também.

São Paulo disse que os homens que coabitam com outros homens, não entrarão para o Reino dos Céus. Deus, o que Tu farás comigo? Com a minha desonra? E com o meu sincero amor por Ti? O que Tu farás quando eu finalmente estiver diante de Ti? A Tua misericórdia é mais forte que o meu pecado? Eu creio, Deus, que você verá em mim algo mais do que apenas um viado assustado.

Se o Senhor me perguntasse como perguntaste a Pedro no mar da Galileia: “Simão, filho de João, tu Me amas?”, eu responderia sem hesitação: “Senhor, Tu sabes todas as coisas, Tu sabes que eu Te amo”.

Não me é permitido amar o Senhor, porque estou contaminado?

Vocês conhecem a resposta? Conhecem os julgamentos divinos? Se Deus tivesse alguma dúvida, o que fazer com um pecador como eu, vocês prontos para ajudar dariam uma dica?

Será que eu sinto raiva de vocês? Tenho alguma reclamação, mágoa? Eu grito com vocês como se tivessem feito algo de ruim para mim?

Mas não aconteceu nada demais. Me perdoem, irmãos e irmãs.

E se cuidem. Tomem cuidado. Será que alguém nesta igreja não praticou sexo antes do casamento? Será que ninguém traiu sua esposa, seu marido? Vocês não têm alguma ou algum amante? O HIV pode ser pego não só pela bunda. Qualquer um que pense isso hoje, e especialmente este que pratica sexo heterossexual fora do casamento, é um completo imbecil. Na clínica de infectados vejo lindas e jovens mulheres, bem vestidas, perfumadas. De onde elas vêm? Afinal, nem todas foram infectadas por um malvado e negro Camaronês. De onde elas têm isso? Certamente não é do ar e nem do beijo.

Eu vejo na clínica, vários homens. De onde eles têm isso? Certamente não é por alcançarem a mão para algum infectado, nem pelo fato de se sentarem no vaso sanitário depois de um infectado.

Quando vocês traem suas esposas e seus maridos, quando vocês quebram o juramento matrimonial feito diante de Deus, pelo menos façam isso com segurança. Usem preservativos!

Eu não usei uma vez. E tenho. O que devo fazer agora? O que Deus quer me dizer com isso?

Eu não sei. Eu compro passagem para Paris e corro pra sauna. Lá, em cada cabine, os preservativos estão ao seu alcance. Lá ensinam a todos – você pratica sexo casual sob própria responsabilidade. A cada um – com quem você faz isso – trate como infectado. Sem exceção. Assim você tem a chance de evitar a doença. Estou me adaptando a estes princípios e acredito que não prejudico ninguém. Estou convencido disso. Às vezes eu

apenas penso que talvez eu gostaria que todos os outros também fossem infectados, para que diariamente também acordassem pensando no que tem lá. O que tem depois da morte? Lá existe vida eterna? Haverá um Juízo? E se não tiver nada? Se não tiver Deus, então o quê? Tudo é somente um caminho para o fim, a escuridão?

Eu não tenho com quem conversar sobre isso.

Os próximos estão saindo? De medo? As palavras não contaminam. Não tem perigo. Fiquem parados! Eu tenho uma pergunta: será que cada um de seus entes queridos poderia vir até vocês e falar sobre o seu maior segredo?

Sobre a sua AIDS?

Vocês vão entendê-lo? Darão apoio a ele?

Ele ou talvez ela, sabe que pode vir com esse assunto até vocês?

Eu não tenho ninguém assim. Eu venho até vocês.

Às vezes tenho medo. Eu sonho com um cachorro, ele rosna, espuma pela boca. E eu imóvel. Estagnado.

Eu não preciso da compaixão e nem da compreensão de vocês. Eu queria apenas, que me permitissem ficar entre vocês.

Eu sou sozinho. O cão olha e espera.

Não quero perder tempo com o sonho.

Porque quero fazer alguma coisa, viver. E eu tenho que ficar sentado no vaso sanitário.

No início da contaminação não se toma nenhum remédio. Lentamente, a cada mês que passa, o número de células responsáveis pela imunidade do organismo diminui. Essa diminuição pode durar dois anos, e talvez quinze. Não há uma regra. Durante esse tempo o infectado se sente bem.

Os médicos controlam se há um número suficiente de células imunológicas no paciente. Quando o número é muito pequeno, fica decidido: comprimidos. Até o fim da vida. Eles são prejudiciais, tóxicos. Eu acredito que não mais do que os cigarros, a vodka.

Mas o primeiro período do tratamento é difícil. Vocês sabem como se sente um cara adulto que por várias semanas não pode sair do banheiro mais do que alguns metros? São medicamentos eficazes, mas quantos comprimidos podem ser tomados? Seis de manhã e seis à noite, eu vomito com eles.

Às vezes é preciso sair. Vocês sabem como se sente o jovem sacerdote que é um viado contaminado? O qual não tem certeza se há vida após a morte? O qual está atrás do altar, diante de uma multidão de fiéis, com vestes litúrgicas, de pampers e que sente que dele está escorrendo?

Eu deveria sair. Porque a Igreja não me quer, me rejeita.

Eu deveria ficar, viver em castidade. Mostrar para Deus que eu entendi o que Ele está falando para mim.

Eu não sei.

Talvez o HIV é pouco pra mim? É preciso amputar as minhas pernas? Talvez então, vou entender?!

Eu não tenho com quem conversar sobre isso. Estou com medo, o medo espreme minha cabeça como um tornilho. Eu tenho medo de vocês, da língua de vocês, dos tribunais, dos julgamentos, porque vocês decidirão, quem eu serei antes de morrer! Ninguém? Sem profissão, sem casa, sem identidade, sem nome? Porque meu nome está desonrado e vocês têm poder sobre mim.

Eu queria ser assim como vocês. Ter uma esposa, vários filhos. Talvez eu seria um médico, talvez um professor. Eu seria um bom pai, dedicaria bastante tempo para os filhos, cuidaria, educaria e seria orgulhoso deles. Também amaria a esposa. Depois de alguns anos eu poderia até ter uma amante, sou um mestre em segredos, a esposa não iria descobrir. Isso de alguma forma ainda convém, porque ser gay numa relação honesta – isso já não. Assim eu confessaria sobre minha amante e algum jovem e querido padre – em sinal de gratidão pelos detalhes picantes – me daria a absolvição com um sorriso. Eu queria muito, meus irmãos e irmãs, ser assim como vocês!

Ou como estas crianças que saíram. Ter um pai, que cheira água de colônia e acaricia a cabeça.

Não tem ninguém? A igreja está vazia?

É isso.

Tudo o que falei aqui é verdade: eu tenho 33 anos, moro na Polônia, sou padre, homossexual, estou contaminado. Eu deveria largar a batina e sair. Mas eu nunca vou sair. E esta homilia eu nunca vou fazer, embora pense nela todos os dias. A diarreia está passando, minhas células imunológicas estão se reconstruindo. Tudo está em ordem.

Alguns de vocês me conhecem, como um homem aberto, sorridente, um sacerdote moderno de boné.

A passagem para Londres custa trezentos zlotys. Para Berlim ainda menos. No próximo sermão vou me referir – como me ensinaram no seminário – ao Evangelho lido um momento atrás. E que fique assim.

REFERÊNCIA

TOCHMAN, Wojciech. Wściekły pies. In: TOCHMAN, Wojciech. *Bóg zapłać*. Wołowiec: Czarne, 2010. p. 217-235.